

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

A LITERATURA INFANTIL COMO INCENTIVO
À FORMAÇÃO DE LEITORES

JOSÉ OTÁVIO MENESES NUNES JUNIOR

FORTALEZA, JUNHO, 2005

A LITERATURA INFANTIL COMO INCENTIVO À FORMAÇÃO DE LEITORES

JOSÉ OTÁVIO MENESES NUNES JUNIOR

Orientador: PROF. MSC. DENÍLSON ALBANO PORTÁCIO

Monografia apresentada a Universidade Federal do Ceará –
UFC, no curso de Especialização em Leitura e Formação do
Leitor, para obtenção do título de Especialista.

FORTALEZA – CE

2005

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Leitura e Formação de Leitores, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

José Otávio Meneses Nunes Junior

Conceito

Monografia aprovada em _____ de _____ de _____ _____

PROF. MSC. DENÍLSON ALBANO PORTÁCIO

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida e do conhecimento, a quem devo tudo o que sou e que tenho;

A minha família, pelo apoio e por não me deixar fraquejar nos momentos em que pensei desistir;

Aos professores, pelo empenho em ministrar os conhecimentos ao longo do curso;

DEDICATÓRIA

A minha família, pelo incentivo e dedicação em meus empreendimentos.

Nascemos fracos, precisamos de forças; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência, nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dados pela educação.

JEAN-JACQUES ROUSSEAU

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o uso da Literatura Infantil como incentivo à formação de leitores. A justificativa para a escolha do tema se deu pelo reconhecimento da importância de utilizar a Literatura Infantil como recurso de aquisição da aprendizagem da leitura e como formação para hábil leitor. As atividades envolvendo o desenvolvimento da leitura com a criança parecem se restringirem somente a Educação Infantil. No entanto é preciso reconhecer que a leitura estará presente em toda a vida do estudante, e isso deve ser encarado pela própria escola, no sentido de viabilizar um conhecimento gradativo por parte dos alunos com o processo de leitura. Desse modo, a escola deve realizar constantemente atividades que despertem no estudante a vontade de ler, de desenvolver suas aptidões leitoras, de forma a favorecer a formação de um leitor proficiente, ou seja, capaz de entender o texto escrito e dele tirar proveito para a sua vida. Para a construção da monografia, foi necessário servir-se da revisão da bibliografia como instrumento de pesquisa, onde os autores Silva (1992), Ribeiro (1994), Silveira (1996), Cagliari (1997) e outros contribuíram para a formação dos conceitos pertinentes à utilização da Literatura Infantil como instrumento incentivador à formação leitora no educando. Conclui-se que a Literatura Infantil caracteriza-se como excelente instrumento de incentivo à leitura. Quando o aluno inicia o seu processo de intervenção diante daquilo que lê, ele está desenvolvendo o seu conceito de bom e mau dentro do texto literário, detectando as falhas daquele que escreve e por isso, se capacita a opinar diante dos temas que se propõe a ler.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iv
DEDICATÓRIA.....	v
EPÍGRAFE.....	vi
RESUMO.....	vii
SUMÁRIO.....	viii
INTRODUÇÃO.....	9
1. A FORMAÇÃO DO HÁBITO DE LER.....	12
1.1 Atividades de Incentivo à Leitura.....	12
1.2 O Sentido da Leitura Para o Estudante.....	18
1.3 O Texto e Sua Função Social.....	21
2. O PROJETO DE LEITURA NA ESCOLA: A AMPLIAÇÃO DO DOMÍNIO DE LER.....	24
2.1 A Eficácia do Projeto de Leitura.....	24
2.2 Do Ato de Ler ao Ato de Compreender.....	30
2.3 Sugestões de Atividades com Leitura.....	33
3. A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	39
3.1 O Uso da Literatura Infantil em Sala de Aula.....	39
3.2 O Professor e a Literatura Infantil.....	42
3.3 Contos, Parlendas e Histórias: Modos Diversos e Dinâmicos de Trabalhar a Literatura Infantil.....	46
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

INTRODUÇÃO

O ato de ler envolve o reconhecimento dos símbolos gráficos, a imediata atribuição de significado ao material impresso e a integração das experiências propostas no texto ao campo vivencial do leitor.

É um processo contínuo e sem termo, que se inicia nas primeiras séries do ensino e se estende por toda a vida escolar. A decifração dos símbolos gráficos é requisito prévio à atribuição de significado ao material de leitura. No entanto, na fase inicial, a compreensão pode ocorrer, concomitantemente ou após a formação do mecanismo da leitura ou não ocorrer, dependendo do método, processo e aplicação do material de leitura e da clientela, uma vez que nenhum método é pronto e acabado na fase de elaboração e aplicação do ensino da leitura com crianças.

O objetivo deste trabalho é apresentar o uso da Literatura Infantil como incentivo à formação de leitores.

As atividades envolvendo o desenvolvimento da leitura com a criança parecem se restringirem somente na Educação Infantil. No entanto é preciso reconhecer que a leitura estará presente em toda a vida do estudante, e isso deve ser encarado pela própria escola, no sentido de viabilizar um conhecimento gradativo por parte dos alunos com o processo de leitura. Portanto, a justificativa para a escolha do tema se deu pelo reconhecimento da importância de utilizar a Literatura Infantil como recurso de aquisição da aprendizagem da leitura e como formação para hábil leitor.

As dificuldades encontradas com atividades de leitura em alunos na sua fase inicial de escolarização é que o ambiente familiar não propicia ao aluno o acesso a leituras as mais variadas. É importante que a família procure auxiliar o filho ao acesso a textos, socialmente veiculados e que são importantes para o aluno.

A escola deve realizar constantemente atividades que despertem no estudante a vontade de ler, de desenvolver suas aptidões leitoras, de forma a favorecer a formação de um leitor proficiente, ou seja, capaz de entender o texto escrito e dele tirar proveito para a sua vida. A Literatura Infantil caracteriza-se como excelente instrumento de incentivo à leitura, cabendo ao educando boas orientações no sentido de ampliar sua predisposição para ler.

Na vida cotidiana da escola, o professor que trabalha com atividades de leitura, sente inúmeras dificuldades com o aluno que não apresenta disposição para a leitura dos textos. Isso é um reflexo da vida familiar e social do estudante que não possibilita o acesso ao texto escrito favorável ao aumento de sua capacidade vocabular e sua comunicação e expressão.

O conhecimento sobre leitura da criança é, muitas vezes, limitado ao que contém no livro didático, ou nas atividades desenvolvidas em sala de aula pelo professor. Pouco se vê nos alunos uma vontade autônoma para a leitura, independente das atividades apresentadas durante o ano letivo.

O aluno lê pouco, pouco escreve e pouco desenvolve suas aptidões vocabulares com o auxílio da leitura pessoal que realiza. O ambiente escolar passa a ser um local que pouco incentiva a prática da leitura e por mais que o professor se esforce, não consegue fazer com que o seu aluno aprecie um bom livro.

Ler é adquirir cultura, é fortalecer a inspiração, é ampliar e ao mesmo tempo transformar a evolução das idéias. Quem lê alimenta inspiração, encontra facilidade na assimilação das idéias e do estilo, ativa as faculdades mentais.

Nessa perspectiva, não se pode restringir a leitura ao simples processo de decodificação de letras, palavras, uma vez que essas atividades envolvem a construção de sentidos fundamentais no implícito e no extralingüístico. É preciso capacitar o aluno a utilizar critérios da literatura para fomentar a leitura pessoal e cotidiana.

Para a realização desta pesquisa foi necessária a pesquisa bibliográfica, consultando os autores renomados no assunto, como Silva (1992), Ribeiro (1994), Silveira (1996), Cagliari (1997) e outros, coletando informações em suas obras sobre a realidade da leitura como formação do hábito no estudante da escola pública.

A monografia ficou organizada em tópicos. O primeiro aborda a formação do hábito de ler, apresentando atividades que incentivam à leitura; apresenta o sentido da leitura para o educando e, por fim, esclarece o texto e sua função social. O segundo tópico versa sobre o projeto de leitura na escola como ampliação do domínio de ler. Explicita sobre a eficácia do projeto de leitura que deve existir a nível de instituição escolar; expõe sobre o ato de ler e o ato de compreender, condições importantes para uma boa leitura; por fim, sugere

atividades envolvendo leitura. O terceiro tópico apresenta a Literatura Infantil e sua relação com a formação de leitores. Trata da utilização da Literatura Infantil no universo da sala de aula; reflete sobre a formação do professor que leciona Literatura Infantil e apresenta os contos, parlendas e histórias como elementos diversificadores e dinâmicos na formação de hábeis leitores.

1. A FORMAÇÃO DO HÁBITO DE LER

1.1 Atividades de Incentivo à Leitura

As atividades que estimulam o hábito da leitura, o conhecimento dos diferentes tipos de fontes informacionais (livros, revistas, dicionários, entre outras) e a utilização metódica para obtenção de material bibliográfico são fatores que influenciam o aprendizado nos seus diversos momentos da vida.

Os serviços bibliotecários de incentivo à leitura para alunos de 1ª a 4ª séries, integrados ao processo de ensino aprendizagem, favorecem o desenvolvimento e consolidação do hábito de leitura nas crianças.

Pelo fato, das bibliotecas escolares existentes em escolas municipais e estaduais apresentarem dificuldades para a realização de atividades pedagógicas no processo de promoção da leitura, verificou-se, a partir da leitura dos teóricos, a necessidade de criar um projeto que tornasse viável o planejamento e execução de atividades de incentivo a leitura junto aos alunos de 1ª a 4ª séries, de forma integrada ao processo de ensino-aprendizagem.

Para que a escola apresente o desenvolvimento desejado é necessário a utilização de recursos que facilitem a integração e dinamização do processo ensino/aprendizagem e entre os recursos existentes, destaca-se a biblioteca escolar, instrumento indispensável como apoio didático pedagógico e cultural, e também elemento de ligação entre professor e aluno na elaboração das leituras e pesquisas.

RIBEIRO (1994, p. 61) afirma que:

A biblioteca possibilita acesso à literatura e as informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando uma instituição cuja tarefa centra-se na formação não só do educando como também de apoio informacional ao pessoal docente. Para atender essas premissas a biblioteca precisa ser entendida como um 'espaço democrático' onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo.

CASTRILLON apud MAYRINK (1991, p.304) apresenta uma conceituação abrangente de biblioteca escolar:

É uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educativo e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atividade científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente, estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões em aula. Trabalha também com as famílias e com outros agentes da comunidade.

A biblioteca é um centro ativo da aprendizagem. Deve ser vista como um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores e não como um apêndice das escolas. A biblioteca escolar deve trabalhar com os professores e alunos e não apenas para eles. Mas na grande maioria das vezes, segundo Sanches Neto (1998) a biblioteca é encarada como um anexo da escola, quando na verdade, ela deveria ser a sua alma.

Segundo FREITAS et al (1986, p.37):

O hábito da leitura constitui-se em preocupação dos professores. No entanto, eles encontram dificuldades para implementação, porque não dispõem de recursos bibliográficos. A própria formação de magistério é feita na maioria das vezes desprovida da prestação de serviços bibliotecários adequados, característica das escolas brasileiras.

Para CALIXTO (1994, p.59) o processo de ensino e aprendizagem envolve hoje um conjunto de componentes e relações de que os pedagogos têm vindo a dar-se conta nas últimas décadas. Elas poderiam sintetizar nos seguintes pontos: a escola já não é hoje o principal centro de aprendizagem das crianças e jovens. Os contatos na comunidade em que estão inseridos, a comunicação social, os amigos e a família, são hoje elementos mais importantes que a escola na formação do indivíduo, no desenvolvimento das suas capacidades e atitudes. O desenvolvimento da comunicação audiovisual e das novas tecnologias da informação contribuiu decisivamente para a obsolescência de uma pedagogia centrada no

professor, que utiliza exclusiva ou principalmente manuais escolares como fonte de conhecimento, ou mesmo que só usa estes fins a palavra impressa.

O desenvolvimento das novas tecnologias, nas últimas décadas, vem afetando todos os setores da atividade humana, proporcionando maior agilidade de comunicação, reduzindo esforços nas rotinas diárias e ampliando as possibilidades de acesso à informação em todo mundo.

O espaço e o tempo pedagógico são também profundamente alterados; a sala de aula passa a ser apenas um entre muitos locais, na escola e fora dela, onde as experiências de aprendizagem têm lugar, o tempo letivo é igualmente diluído por um sem número de oportunidades em que o aluno, mais ou menos acompanhado, vive situações estimulantes e enriquecedoras;

Há muito tempo já que a preocupação principal de todas as ciências parece ser destruir postulados previamente tidos como certezas. A relativização do conhecimento científico introduz a incerteza no campo da educação e sublinha o valor da pesquisa individual e do desenvolvimento das capacidades de manuseamento da informação. Aprender é cada vez menos memorizar conhecimentos e cada vez mais preparar-se para saber encontrar, avaliar e utilizar. A capacidade de atualização passa a ser uma ferramenta essencial ao indivíduo se quer sobreviver numa sociedade de verdades relativas e efêmeras.

A biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve investigar, e a biblioteca é o centro de investigação tanto como o é um laboratório. O desejo de descobrir o que há nos livros, geralmente, existe nas crianças. A escola deve desenvolvê-lo, utilizando os espaços da biblioteca. (SILVEIRA, 1996).

Segundo VIANA & ALMEIDA (1993) o uso adequado do livro e da biblioteca são imprescindíveis para a realização de uma pesquisa satisfatória, cuja prática, incentivada, contribui para que o estudante busque, também, respostas para indagações pessoais, amplie seus conhecimentos, forme sua própria opinião, garantindo seu espaço na sociedade.

É necessário a presença do bibliotecário escolar capaz de atuar como agente mediador, um profissional consciente de sua função de educador, com experiência didática e criativa, que saiba manter um bom relacionamento com o corpo docente e que esteja

preparado para oferecer programas de treinamento em pesquisa bibliográfica e incentivo a leitura, através da hora do conto e de outras atividades para crianças do ensino fundamental.

A hora do conto é uma das atividades realizadas com a finalidade de despertar nas crianças o interesse maior para explorar o mundo mágico da leitura. A Literatura Infantil é fundamental para a formação da criança. Ler e contar histórias é uma forma de desenvolver o gosto pela fantasia, incentivando aspectos que dizem respeito ao seu potencial criativo.

O gosto literário da criança pode ser estimulado introduzindo o livro, desde cedo, nas suas brincadeiras. Quando a criança ainda não lê, é bom que alguém lhe conte histórias. Poderá ser o primeiro passo para que mais tarde a criança tenha o gosto pela leitura. (SILVEIRA 1996).

SILVEIRA (1996, p. 11) diz que

a seleção de histórias para serem oferecidas na Hora do Conto segue alguns critérios que são básicos. A estrutura da narrativa é bom que seja linear. Desaconselham-se as efabulações, comuns na ficção moderna. O conto foi feito para interessar de modo progressivo. A ação deve ser ininterrupta e crescente para desenvolver com presteza e terminar com um final efetivo.

Os contos de fada dirigem a criança para a descoberta de sua própria identidade e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter.

Eles alimentam a imaginação e estimulam as fantasias, pois nem todos os nossos desejos podem ser satisfeitos através da realidade. Daí a importância da fantasia como recurso adaptativo. Na seleção de histórias para serem oferecidas na hora do conto, é importante incluir contos de fadas. (SILVEIRA, 1996, p.12).

A leitura não só desperta na criança o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler como, também, contribui para despertar a valorização exata das coisas, desenvolver suas potencialidades, estimular sua curiosidade, inquietar-se por tudo que é novo, ampliar seus horizontes e progredir. Portanto, desenvolver a potencialidade leitora na criança é fornecer-lhe instrumentos para aguçar a sua capacidade de compreender o texto e saber inferir sobre o conteúdo lido.

A biblioteca infantil ou escolar deveria ter como uma atividade de rotina ler histórias para crianças. Conforme SILVEIRA (1996) é importante existir a cumplicidade entre a criança e o contador de histórias, do ponto de vista afetivo, porque a ilustração e o texto ajudam o acesso ao mundo dos adultos. A técnica da narrativa é defendida por alguns autores. Para que esta tarefa tenha êxito é necessário um preparo prévio da pessoa que vai ministrá-la. O contato da criança com o livro necessita ser compartilhado com alguém que o aprecie.

Ao encarregado desta tarefa sugere-se levar em conta alguns princípios elementares requeridos, como: extensão da narrativa (de acordo com a idade das crianças), suspense; inflexão da voz; linguagem a ser usada; gestos; atenção dos ouvintes, escolha do tema; lugar da reunião e demais recursos para conseguir o clima adequado. (SILVEIRA, 1996)

SILVEIRA (1996, p.15) afirma que:

Ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento lingüístico, suscitando o gosto pelas boas leituras e recreando, o bibliotecário escolar centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo uma função de importância relevante, a busca do leitor, pois é a biblioteca que muitas vezes deve ir ao encontro dele..

Em contrapartida a esta colocação SANCHES NETO (1998, p. 2) acredita que:

O papel da escola é criar estruturas, através de uma biblioteca muito bem equipada, para que o eventual leitor se forme numa relação livre com os livros, fazendo por conta própria as escolhas que lhe forem mais adequadas. Uma destas escolhas é justamente não ler. Não devemos querer transformar todos os leitores profissionais. Isto é uma utopia risível. O fundamental é facultar àquele que é um leitor em potencial as condições para que desenvolva o que traz consigo.

Acreditando na importância da leitura, o estímulo através da concretização do hábito de leitura na formação das crianças espera-se contribuir com atividades desenvolvidas nas Bibliotecas Escolares. Nestes ambientes, o desenvolvimento da capacidade de ler deve ser a meta original, onde os professores, coordenadores e a direção escolar implementem projetos que agucem a capacidade de ler do aluno, bem como a sua curiosidade para entender o que o autor diz nas entrelinhas.

Como bem retratou SILVA (1995) a miséria da Biblioteca Escolar é lamentável, o que ocorre especialmente nas escolas publicas brasileiras. Sabe-se que cada contribuição por menor que seja, representa esforço para uma cidadania responsável.

Como procedimento de trabalho, inicial de leitura, as atividades nas escolas iniciavam-se por realizar um estudo das condições da biblioteca e da escola, constatando-se que: os usuários são alunos, professores e funcionários; o acervo existente nas bibliotecas, na sua maioria são provenientes de doações, pois as escolas não alocam recursos financeiros para as bibliotecas; professores resistentes a utilização do acervo e dos serviços da biblioteca como recurso de ensino-aprendizagem; a existência de preconceito em relação ao profissional bibliotecário; e, alunos e professores tem uma visão da biblioteca como um local de castigo. Caso não cumpram as exigências apresentadas em sala de aula, o aluno é conduzido à biblioteca, lendo textos como sanção e castigo pela desobediência, servindo de demonstração para os outros alunos.

As atividades desenvolvidas no decorrer da realização do projeto na escola pesquisada foram as seguintes: reuniões sobre a estrutura da escola/biblioteca; revisão da literatura infanto-juvenil e sobre biblioteca escolar; campanha de doação de livros para a biblioteca; trabalho de conscientização da importância do hábito de leitura e da biblioteca; visita a feira do livro; confecção de papel reciclado; atividades de incentivo a leitura: hora do conto, dramatização, dobraduras, maquetes, desenhos ilustrativos ao tema da história, confecção de livro infantil e orientação bibliográfica.

É necessário realizar atividades integralizadoras com os professores das escolas, pois estes são: o maior elo motivador da leitura para crianças, após as influências familiares, na escola. Portanto, estimulando, criando e incentivando o hábito de leitura e conseqüentemente o uso de bibliotecas escolares pelos alunos de 1º e 2º graus; condições de exemplo no uso de bibliotecas, favorecem o estímulo aos alunos para utilizarem também a biblioteca; o elo entre biblioteca, livros e alunos, repercutindo também numa seleção de materiais bibliográficos mais adequados para a Biblioteca Escolar; colaboradores em potencial, juntamente com os bibliotecários das Bibliotecas Escolares; Pode-se mostrar a todos os integrantes das escolas, a importância da leitura na formação de um cidadão.

Assim sendo, a biblioteca passou a ser um elo de ligação entre alunos e professores, tornando-se uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem. O hábito da

leitura deve ser estimulado nos primeiros anos de vida escolar. Porém é impossível negar que a maioria das escolas lamentavelmente ainda não possui infra-estrutura desejável para a conscientização do hábito da leitura.

1.2 O Sentido da Leitura Para o Estudante

A concepção que se tem de leitura na escola tradicional é que ela concentra-se em atividades mecânicas, repetidoras, que acentuam a memorização, ao invés de motivar o educando a realizar suas próprias descobertas. Infelizmente, a maioria de nossos educadores insiste nesta prática pedagógica de reprodução pura e mecânica de conteúdos.

Para BARBOSA (1990, p. 118):

Uma concepção mais contemporânea define a leitura como um ato de atribuição de significado a um texto escrito. Para êxito nessa atividade o leitor deve mobilizar três atividades indispensáveis: a verificação, a antecipação e a identificação.

Segundo Paulo Freire, falar da importância e ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

A explosão da informação, o acúmulo do conhecimento humano e rapidez do seu progresso modificaram e ampliaram profundamente a função da escrita na sociedade contemporânea. O ato de ler assumiu novas dimensões, criando novos parâmetros para a constituição do leitor atual. Daí um fator de crise nos métodos e processos utilizados pela escola na formação do leitor.

Atualmente, chegou-se a um estágio em que se lê integralmente apenas uma pequena parcela dos textos à disposição. Grande parte da leitura diária das pessoas é constituída de atos exploratórios. Este é o estágio de uma leitura seletiva, composta de processos intelectivos e exploração visual.

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser do homem numa condição especial, são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento.

Ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana. Em termos de realidade educacional brasileira, as funções da leitura podem ser explicitadas da seguinte forma:

- Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do ser humano;
- Leitura está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do ser que aprende, e, contrariamente, à evasão escolar;
- Leitura é um dos principais instrumentos que permite ao ser humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis;
- A facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que o professor dispõe para combater a massificação galopante, executada principalmente pelos meios de comunicação;
- A leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem;
- A leitura por ser uma via de acesso a essa herança, é uma das formas do homem se situar com o mundo de forma a dinamizá-lo.

Apesar da presença marcante dos meios audiovisuais na sociedade em geral, a escola ainda parece utilizar o livro como principal instrumento de aprendizagem nas diferentes disciplinas. Não ser alfabetizado adequadamente pode significar grandes dificuldades, quase sempre frustradoras na aquisição do currículo escolar.

O contexto da maioria das escolas nacionais ainda está longe de outros recursos de conscientização. A ciência e a cultura chegam às escolas através do livro. Negar isto é formar o modelo da escola ideal, mas não considerar concretamente as escolas.

A leitura estimula o pensamento e a criatividade, está longe de ser um processo passivo. Todo texto escrito somente oferece linguagem, desligada de qualquer situação e sem apoio extralingüístico. A partir dos sinais impressos, o leitor reconstitui as palavras; ele as

escuta e ao dar a elas um ritmo e uma entonação que ele próprio inventa. Portanto, essa capacidade é desenvolvida na escola.

Ao ler, criam-se imagens internas, estimuladoras do pensamento e da criatividade. Estas imagens são criadas a partir das próprias experiências e necessidades. O leitor não se limita a reproduzir o código do emissor, ele aplica ao texto os seus próprios códigos interpretativos, o que lhe permite concluir segundo o seu manejo da língua e seu domínio da matéria. E, ao contrário, quem vê as imagens da televisão, cinema ou quadrinhos, tem que aceitar as imagens impostas sem exercitar a criatividade.

A leitura possibilita a assimilação de uma maior quantidade de informação verbal. A informação oral, própria do rádio, cinema e televisão, possibilita uma captação aproximada de sessenta palavras por minuto. Um leitor adestrado, ao contrário, pode assimilar até trezentas palavras por minuto. Esta maior assimilação permite armazenar e recuperar grande quantidade e informação sobre temas bem variados, concretos e abstratos, sem nenhum tipo de limitação.

A leitura possibilita a máxima organização da informação. A leitura permite à pessoa captar os assuntos culturais de forma articulada. Sem dúvida nenhuma, a televisão é um meio transmissor de cultura, porém, a oferece sem sistematização e sem seqüência: uma série documental histórica pode ir seguida de desenhos animados, telenovelas ou noticiários, sempre interrompidas por comerciais. A leitura ao contrário, especialmente a do livro, oferece, na maioria das vezes, uma seqüência articulada do princípio ao fim.

O hábito de leitura tende a formar pessoas abertas ao intercâmbio, orientadas para o futuro, capazes de valorizar o planejamento e aceitar princípios técnicos e científicos. Este tipo de pessoa, é, precisamente, o que permite um maior desenvolvimento social. Somente as pessoas situadas num mundo aberto são as que contribuem eficazmente para as iniciativas de progresso e melhoria social.

Por esta razão, embora alguns pensem que no plano pessoal as funções de leitura decresceram, convém levar em conta que no plano social a sua importância aumentou. A leitura tem características e vantagens próprias e distintas que a distinguem dos outros meios de informações audiovisuais, por sua capacidade de transmissão de grande quantidade de informação, por seu poder de estimular a imaginação, por sua flexibilidade e, especialmente,

pelo poder de ser controlada pela pessoa. Na sociedade atual, onde meios cada vez mais atuais de comunicação se intensificam, a leitura ainda é o grande meio de expressão que torna-se óbvio ao leitor.

1.3 O Texto e Sua Função Social

O papel da escola é o de ensinar o aluno a ler e escrever, embora não coincida com a variedade lingüística que ele traz do convívio social. Assim, a escola tem que acolher e respeitar as diferentes formas de expressão que o educando traz de sua comunidade.

ZILBERMAN (1988, p. 27) quando fala do texto e da atitude do leitor expressa claramente falando: *O leitor, na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica. A questão da compreensão não é só do nível da informação. Faz entrar em contato com o processo de interação, a ideologia.*

À medida que lê, o educando ingressa na compreensão do seu processo de interação com o meio, e pela leitura crítica dos textos, conhece a ideologia que o determina e se capacita a tirar proveito da leitura que realiza.

O desenvolvimento da capacidade do aluno depende consideravelmente da escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez, a voz, a diferença, a diversidade do educando. Depende da escola adequar-se às diferentes situações de vida. A compreensão da leitura requer um exercício da escuta ativa, ouvir com atenção, trabalhar mentalmente o que lê, analisar e relacionar enunciados, fazer deduções e produzir sínteses. A escola deve fazer com que a leitura seja um ato motivador, em que o aluno desperte para o desenvolvimento de sua criatividade e senso crítico.

A leitura e a escrita são práticas completas e fortemente relacionadas. A escrita transformando a fala e a fala influenciando a escrita; a leitura fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever.

Na atividade que envolve elaboração de texto, tem um grande peso, aquele tema relacionado com a realidade do aluno, haja vista que, uma linguagem pitoresca para

educandos da realidade brasileira, torna um leitor fora da realidade de vida, alguém que tem uma leitura dissociada do seu cotidiano de vida.

Constata-se, que qualquer texto torna-se estéril quando não fornece ao leitor as condições de vencer as barreiras da ignorância, da descrição crítica do texto e de uma leitura criativa. Daí a importância do aluno sempre relacionar o texto lido com as suas experiências de vida.

As atividades de leitura devem ter como meta principal formar leitores que sejam capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados à realidade sócio-cultural em que se encontram inseridos. O trabalho com leitura, tem como finalidade, a formação de leitores competentes e, conseqüentemente também a formação de escritores.

Essa reflexão é complementada com o que SILVA (1992, p. 40) explica:

Se por um lado, falar e escrever são duas formas de manifestações de uso produtivo e criativo da língua (gerando e transmitindo saber), por outro, ouvir e ler não são simples manifestações de um uso reprodutivo e passivo da língua. Falar e escrever, ouvir e ler são ações igualmente e a seu modo ativas, produtivas e criativas.

Nessa perspectiva, um leitor competente é alguém capaz de selecionar textos que circulam socialmente, inerentes às suas necessidades. Esse tipo de leitor não pode limitar-se a textos exclusivamente escolares.

A leitura apresenta vários aspectos; às vezes é um processo essencialmente prazeroso, outras vezes requer paciência, perseverança, desafios e uma busca do saber científico. Embora, às vezes, ela pareça sem grandes pretensões, como uma atividade lúdica, não deixa, portanto de ser uma assimilação de conhecimento, de interiorização e de reflexão. Mesmo sendo apresentada sob vários aspectos, a leitura representa um desafio para o aluno e para a sua escolaridade.

A escola, na pessoa do professor, que não lê para seus alunos, dificilmente atingirá sua meta na formação dos seus educandos, visto que as atividades com textos têm a sua convencionalidade guiada não somente pelos elementos culturais, ideológicos, filosóficos do leitor, mas principalmente pelos lingüísticos. O significado de um texto varia de acordo com o

nível sócio-cultural de cada educando. Portanto, a criatividade do leitor é algo pessoal, devendo ser intensificado pela postura docente e pelas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Assim, vejamos o que diz CAGLIARI (1992, p.174) quando remete à escola, a função de valorizar a leitura: *A escola deve acompanhar a evolução do mundo, mas ela é também uma guardiã da tradição. Do equilíbrio entre as duas coisas nasce a verdadeira formação que deve dar a seus alunos.*

O desafio escolar, atualmente, é dar ao aluno condições de uma formação para a leitura crítica e criativa no desenvolvimento das suas potencialidades e dos seus projetos literários, criando, cada vez mais, dispositivos de motivação e de continuidade de elaboração de textos. No entanto, esta tarefa se torna dificultada pelo ambiente que o aluno tem para a leitura. Há uma escassez muito grande quanto à leitura e por isso mesmo é preciso que a escola seja esse lugar propício para o desenvolvimento de sua vontade em ler.

Ao leitor é atribuído um papel essencial no processamento da compreensão do texto. Ele se torna um elemento ativo que vai em busca de sentidos possíveis no texto. Na verdade, o processo de compreensão da leitura abre possibilidades de construção de um novo texto pelo leitor através de uma complementação entre o que o leitor já tem e o que o texto traz como novo. De onde se conclui que o sentido de um texto é construído, portanto, a cada leitura que se realiza, onde há a união do conhecimento de mundo do leitor com o horizonte do texto.

Pelo exposto fica claro que é de suma importância que a leitura na escola seja bem trabalhada, desde o início da aquisição do código lingüístico até a aquisição de uma leitura mais criteriosa por parte do educando. E, mais, se a leitura do texto lido não proporcionar uma compreensão profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa ou procura se situar, então a leitura perderá a sua validade, porque ele deverá relacionar a leitura do texto com suas experiências, facilitando a passagem do texto para o seu contexto social, evidenciando-se uma postura reflexiva do que foi lido.

2. O PROJETO DE LEITURA NA ESCOLA: AMPLIAÇÃO DO DOMÍNIO DE LER

2.1 A Eficácia do Projeto de Leitura

Antes de mais nada, é necessário que o professor leia para os seus alunos. Ele pode ler de tudo: histórias infantis, notícias, revistas, cartas, bilhetes, novidades, enfim, tudo o que seja significativo e interessante. Também o professor deve escrever diante dos alunos. Deve proceder de maneira que os alunos percebem a função e a utilidade da leitura e da escrita na vida prática.

Por outro lado, é muito importante, também, que o professor permita que os alunos leiam e escrevam e que valorize o que os alunos compreenderam e produziram em seus diferentes níveis de aprendizagem. As atividades priorizadas no projeto de leitura incluem exercícios de leitura e escrita.

É importante que o professor assuma o papel de companheiro na tarefa de fazer com que os alunos assimilem a função da leitura e da escrita com práticas indispensáveis para a vida social. O professor deve ser o orientador nessa capacidade que o aluno tem de iniciar o processo no mundo da leitura e da escrita.

PALÁCIO (1990, p. 34) esclarece que: (...) *quando o professor consegue compreender o trabalho docente como uma prática criativa e de respeito em relação às crianças, vê a si próprio revalorizado como docente.*

Essa revalorização ele consegue na medida em que consegue transmitir aos seus alunos os conhecimentos que adquiriu ao longo de sua capacitação profissional e dos recursos literários que adquiriu ao longo dos anos de formação.

Assim, o professor que corresponde a educação como prática social transformadora e democrática com seus alunos na direção da ampliação do conhecimento, vinculando os conteúdos de ensino à realidade, escolhendo procedimentos que assegurem a aprendizagem efetiva. O educador que tem contato freqüente com a leitura sabe da importância que deve ser dada na sala de aula aos momentos de contato com o texto escrito, em vista de ampliar os horizontes do educando.

A formação docente é importante para a carreira profissional do professor que leciona leitura e escrita e esse requisito de sempre buscar mais conhecimentos e preparar para a realização de sua profissão e consecução de seus objetivos, pois sabendo que o conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem são processos relacionados entre si, que acontecem por construção e interação, o professor privilegia conteúdos significativos e integra ao trabalho em sala de aula situações desafiadoras, problematizadoras, prevendo interações com os alunos e deles entre si e com o conhecimento.

SILVA (1989) mostra que o professor pode utilizar inúmeros recursos para desenvolver o processo aprendizagem do aluno procurando otimizar sua prática educativa. Ele esclarece:

A facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que o professor dispõe para combater a massificação galopante, executada principalmente pela televisão. (Mesmo com a presença marcante de outros meios de comunicação, o livro permanece como o veículo mais importante para a criação, transmissão e transformação da cultura). (SILVA, 1989, p.43).

Essa facilitação, o professor deve trabalhar junto com os seus alunos porque desenvolvendo um trabalho em conjunto, conseguirá mais facilmente promover a aprendizagem dos alunos, reconhecendo a importância de envolvê-los, mobilizar seus processos de pensamento, explorar todas as dimensões e oportunidades de aprendizagem, fazer e refazer percursos, criar e renovar procedimentos, visando sempre seus alunos reais, formando um grupo com características próprias.

A figura do professor dentro da realidade do processo ensino-aprendizagem é um fator importante, primordial, decisivo para que se consiga melhorar a qualidade do ensino, atendendo, ao mesmo tempo, a todos os que precisam aprender.

Na ação educativa sistemática, é preciso que esteja presente, como condição básica, o desenvolvimento do espírito crítico do aluno, para que ele possa, quando adulto, ter uma consciência crítica. Criticidade e criatividade são duas palavras presentes no planejamento docente, tendo em vista que o aluno necessita ser orientado para ser participativo e atuante, ou seja, crítico e criativo diante do que acontece no cotidiano escolar. É uma tarefa libertadora da educação.

Por isso que a presença do professor torna-se significativa já que ele objetiva, na leitura e na escrita, desenvolver as potencialidades do educando e motivando-o a empreender o seu próprio conhecimento e a sua organização.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) mostram como a prática educativa da leitura e da escrita é importante quando forma bons frutos:

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (PCNs, 1997, p. 54).

À medida que o professor adquire maior experiência e facilidade para aproveitar os recursos materiais e humanos da sala de aula e da escola, irá descobrindo novas possibilidades de organizar o tempo, o espaço e os trabalhos com os alunos, de modo a favorecer seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Para a escola, de modo geral, o bom professor é todo aquele comprometido com a práxis pedagógica; é aquele capaz de, além de possuir a técnica de transmitir os conteúdos, educar o aluno na acepção da palavra, pois sua meta primordial é a transformação do homem e da sociedade.

No entanto, percebe-se que nem sempre a escola possui a mão-de-obra especializada com a qual possa contar nos momentos oportunos. Para isso, em suas famosas reuniões pedagógicas, prática indispensável à escola, não importando que tipo de escola, ela sempre visa a reeducação dos educadores que se torna expressão de uma concepção de mundo onde é importante a formação do homem e de sua profissionalização.

Nesse sentido, o professor é visto pela escola como gestor da prática pedagógica, porque ele é possuidor de uma esperança nas mudanças da sociedade por meio da educação que se faz hoje. O professor transformador que tem nas mãos o conhecimento e as fórmulas para a transformação da escola e da sociedade.

Antes de qualquer coisa, a condição básica para ensinar o aluno a ler diz respeito à capacidade de leitura do professor. Ou seja, para que ocorra um bom ensino da Literatura é

necessário que o professor seja, ele mesmo, um bom leitor. O aluno necessita do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de sua prática literária.

Assim, se este princípio (de testemunho) for compreendido e assumido, cabe então ao professor oportunizar condições concretas para que os seus alunos leiam significativamente e não mecanicamente, procurando destacar e registrar, para efeito de discussão e debate, aquelas idéias que lhes parecerem relevantes para o avanço no conhecimento de determinado assunto.

É importante lembrar que as interpretações de um texto não obedecem a um processo de convergência, mesmo porque as experiências dos alunos são diferenciadas, e, por isso, mesmo, cabe ao professor instigar o conflito das interpretações junto ao grupo de alunos à medida que é nesse conflito que reside a maior riqueza da leitura.

A eficácia do projeto de leitura reside na possibilidade de vencer certas dificuldades detectadas ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Cada etapa do projeto contempla uma realidade do aluno, uma predisposição para aprender e para ensinar, como também para vencer uma dificuldade em leitura.

Diante das dificuldades que se encontram no sentido de criar condições de incentivo ao ensino e aplicação da Literatura, são demonstradas a seguir, três diretrizes importantes para que se alcance e obtenha uma Literatura de Qualidade: a) Combate à Leitura Mecânica; b) Promoção da Leitura na Escola; c) Superação das Dificuldades Pessoais.

a) Combate à Leitura Mecânica

Denomina-se Leitura Mecânica como a mera decodificação dos signos que dão forma estrutural ao texto. Ela consiste, fundamentalmente, na valorização excessiva dos elementos formais de reprodução do texto. A Leitura Mecânica se limita ao deciframento dos significantes dos signos que compõem o texto.

Essa prática escolar possibilita o empobrecimento literário do educando em que, já há uma escassez de leitura, quanto mais havendo um procedimento desta natureza, leva cada vez mais o aluno ao afastamento da prática de uma leitura compreensiva. A leitura compreensiva, por sua vez, visa o conteúdo ideativo do discurso escrito. O leitor, neste caso, interage com o texto, atribuindo significado e buscando a sua compreensão.

Para tanto, é preciso que haja um conhecimento por parte do professor de uma leitura como compreensão do mundo através dos textos escritos; que o aluno seja provocado com situações desafiadoras como estímulo à leitura, evitando-se atividades rotineiras e sem significado; que se faça uma correspondência entre os múltiplos questionamentos e interesse dos leitores e os textos a eles apresentados.

Entre muitas, estas são algumas das práticas educativas que possibilitam uma Literatura de qualidade, e impeçam uma leitura mecânica.

b) Promoção da Leitura na Escola

A escola deve promover uma prática de leitura constante e, primeiramente, deve-se partir de textos escritos em linguagem próxima do aluno, seguindo-se, então, para a leitura de textos mais formais.

Cabe à escola realizar predisposição e abertura de todas as escolas para que os participantes dos cursos de atualização e reciclagem possam conscientizar os seus colegas sobre a importância da leitura.

Também é preciso que haja encaminhamento de projetos aos órgãos competentes no sentido de conseguir condições para o funcionamento de bibliotecas escolares, em que hajam, também, profissionais competentes para o atendimento aos alunos e ao incentivo à leitura.

Quando a escola promover atividades de leitura, facilmente se criarão alunos-leitores críticos que se capacitam em analisar, produzir e refletir os textos que se dispõem.

c) Superação das Dificuldades Pessoais

Dentro das atividades em sala de aula, o professor facilmente perceberá alguns alunos que encontram dificuldades no ato de ler e por isso torna-se necessário a aquisição de processos que facilitem o estudo dos textos.

Por outro lado, os professores têm importante papel no desenvolvimento do gosto pela leitura e incentivadores por uma prática significativa da Literatura, em que superam as dificuldades de cada aluno e para isso é necessário que estejam sempre motivados a enfrentarem as dificuldades que surgem. As dificuldades pessoais devem ser superadas em

prol da formação de leitores capazes de compreender o texto e de produzir textos significativos.

Esses pontos que foram anteriormente enfocados, refletem a importância de uma Literatura de qualidade que tenha a escola como a sua grande incentivadora e grande responsável pela consciência da necessidade de transformações na área da Literatura.

A leitura apresenta vários aspectos; às vezes é um processo essencialmente prazeroso, outras vezes requer paciência, perseverança, desafios e uma busca do saber científico. Embora ela pareça sem grandes pretensões, como uma atividade lúdica, não deixa portanto de ser uma assimilação de conhecimento, de interiorização e de reflexão.

A escola que não lê para seus alunos, dificilmente atingirá sua meta na formação dos seus educandos, visto que as atividades com textos têm a sua convencionalidade guiada não somente pelos elementos culturais, ideológicos, filosóficos do leitor, mas principalmente pelos lingüísticos. O significado de um texto varia de acordo com o nível sócio-cultural de cada educando.

Assim, vejamos o que diz CAGLIARI (1992, p.174) quando remete à escola, a função de valorizar a leitura: *A escola deve acompanhar a evolução do mundo, mas ela é também uma guardiã da tradição. Do equilíbrio entre as duas coisas nasce a verdadeira formação que deve dar a seus alunos.*

O desafio escolar, atualmente, é dar ao aluno condições de uma formação para a leitura crítica e criativa no desenvolvimento das potencialidades do educando e dos seus projetos literários, criando, cada vez mais, dispositivos de motivação e de continuidade de elaboração de textos.

Ao leitor é atribuído um papel essencial no processamento da compreensão do texto. Ele se torna um elemento ativo que vai em busca de sentidos possíveis no texto. Na verdade, o processo de compreensão da leitura abre possibilidades de construção de um novo texto pelo leitor através de uma complementação entre o que o leitor já tem e o que o texto traz como novo. De onde se conclui que o sentido de um texto é construído, portanto, a cada leitura que se realiza, onde há a união do conhecimento de mundo do leitor com o horizonte do texto. Cada leitura, por sua vez, é uma descoberta para o aluno e novos horizontes de abrem para novas concepções de mundo.

É de suma importância que a leitura na escola seja bem trabalhada, desde o início da aquisição do código lingüístico até a aquisição de uma leitura mais criteriosa por parte do educando. E, mais, se a leitura do texto lido não proporcionar uma compreensão profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa ou procura se situar, então a leitura perderá a sua validade, porque ele deverá relacionar a leitura do texto com suas experiências, facilitando a passagem do texto para o seu contexto social, evidenciando-se uma postura reflexiva do que foi lido.

A leitura é suporte instrumental de toda a vida escolar, além de ser uma atividade que atribui significado à linguagem. E o projeto de leitura é exatamente este instrumento que viabiliza o reconhecimento das dificuldades e predisposições para sua superação.

A compreensão é a base de todo o processo de leitura, embora seja na interação do que já se sabe para o que se busca saber que se desenvolve o sentido ou a compreensão do ato de ler. Para esta leitura se tornar significativa é necessário o entendimento do que se lê para se acrescentar algo o que já se domina previamente.

2.2 Do Ato de Ler ao Ato de Compreender

A leitura e a escrita apresentam vários aspectos; às vezes são um processo essencialmente prazeroso, outras vezes requer paciência, perseverança, desafios e uma busca do saber científico. Embora pareçam sem grandes pretensões, como atividades lúdicas, não deixam, portanto, de ser uma assimilação de conhecimento, de interiorização e de reflexão. A escola que não lê para seus alunos, dificilmente atingirá sua meta na formação de seus educandos. A leitura é, pois, o alimento da psiqué. A escrita tem a sua convencionalidade guiada não só pelos elementos culturais, ideológicos, filosóficos do leitor, mas principalmente pelos elementos lingüísticos. O significado de um texto varia de acordo com o nível sócio-cultural do educando.

Dessa forma, para que o aluno tenha motivação e sinta-se bem diante das atividades que envolvem a leitura e a escrita estas não devem ser rebaixadas a simples execuções de tarefas em obediência ao que o professor pede, mas sejam uma maneira de garantir o seu espaço no mundo literário.

Dessa maneira, não se pode desvincular o ato de ler do ato de compreender. Assim, é de suma importância para o aluno ser orientado para compreender o texto que está lendo, para daí dar funcionalidade aos projetos de leitura desenvolvidos na sala de aula. Portanto, a leitura simplesmente não tem valor em si mesmo. Mas acompanhada de um processo de compreensão, ganha um sentido maior, mais eficaz e traduz todo o esforço escolar em manter o aluno no nível dos alunos que apresentam criticidade no texto que lê.

Na concepção tradicional, o processo de alfabetização constitui-se em mera discriminação perceptiva, centrando sua atenção apenas no aspecto formal, para mais tarde trabalhar com o significado, cobrado através de exercícios improdutivos, de interpretação literal do texto.

Sendo assim, a escolha do material para iniciar as atividades de leitura na alfabetização, é de grande importância. Veja o que diz CAGLIARI (1997)

Vejo, assustado, os programas das aulas de alfabetização, cheios de atividades de escrita e quase nada de leitura. E, quando se fala em leitura, é para avaliar ou a pronúncia ou a capacidade de decifração de letras da escrita. Que absurdo! Encontram-se muitas cartilhas que, em vez de oferecer leituras para as crianças trazem apenas aquelas estranhas listas de palavras e amontoados de frases sem pé nem cabeça. (CAGLIARI, 1997, p.169).

Os textos devem ser selecionados de acordo com os interesses da criança, devem de alguma forma, relacionar-se com as suas vivências, pois só assim serão significativos para sua aprendizagem.

O processo de descoberta da leitura deve seduzir a criança e isso só acontecerá se ela encontrar prazer nessa atividade. Ler e compreender faz parte de um mesmo processo. Para aquele que lê, é importante, acima de tudo, compreender aquilo que faz, que realiza com a atividade de passar os olhos sobre o texto. É preciso saber que, mesmo em meio a uma gama de informações contidas no texto, aquelas que o leitor consegue captar, são tidas para ele como as mais relevantes. É o processo de leitura que acontece no ato de ler.

No início da primeira série, de acordo com o método e o processo de alfabetização escolhido pelo professor, o aluno vai aprender a ler e a escrever. Assim, as sílabas trabalhadas, ao iniciar a leitura e a escrita, são a princípio sílabas simples, depois de bem

fixadas a leitura e a escrita de palavras formadas com estas sílabas, pode-se apresentar, ainda na primeira série, as sílabas complexas, palavras com til e dígrafos. Observa-se, porém, que esses conteúdos não devem ser reduzidos a uma simples técnica e seleção de letras numa organização do mais fácil para o mais difícil.

O reconhecimento de famílias silábicas como o próprio reconhecimento das letras, faz parte do processo de decifração e não é a leitura propriamente dita. É apenas um estágio inicial da leitura. Como esse processo apresenta dificuldades sérias ao leitor iniciante, é preciso dar o tempo suficiente para que ele prepare a sua leitura, vencendo essas dificuldades. Se a escola insistir muito nisso, o aluno pode se tornar um leitor que lê silabando ou, quando muito, um leitor de palavra por palavra, o que não é correto (CAGLIARI, 1997, p.170).

À medida que a criança forma um vocabulário básico que permitirá o conhecimento dos elementos fonéticos que constituem as palavras, é necessário que desenvolva também a habilidade de compreensão. Afinal, a aprendizagem da leitura na alfabetização não consiste, apenas, em desenvolvimento da habilidade de percepção e/ou reconhecimento de palavras por seus elementos fonéticos.

É preciso, também, ter em vista o desenvolvimento de diferentes habilidades de compreensão que permitam à criança entender o que lê e, ainda, formar hábitos e atitudes que contribuam para fazer da leitura instrumento de prazer e esclarecimento. O entendimento do que se lê não acontece no vazio. Necessita-se de treino e de aprofundamento da leitura, à medida em que as habilidades vão se intensificando. A sala de aula é um local propício para o desenvolvimento das habilidades leitoras do estudante.

Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda, uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar (CAGLIARI, 1997, p.169).

Nessa perspectiva, ler não é apenas decodificar os signos da linguagem, mas, sobretudo, realizar um processo de construção de sentido. Sem dúvida, essa deve ser a preocupação principal de uma proposta pedagógica para alfabetização. Tornar o aluno um leitor proficiente leitor está acima de qualquer proposta pedagógica, porque o aluno vive numa sociedade da comunicação.

2.3 Sugestões de Atividades Com Leitura

A leitura dá oportunidade ao professor de desenvolver uma série de atividades que propiciam o acesso da criança ao mundo leitor. As atividades trabalhadas em sala de aula devem ter o intuito de aproximar o aluno do texto lido. Assim sendo, é importante observar que o professor, nesse sentido, deve utilizar a imaginação, de sorte a obter êxito quando conduzir o educando a trabalhar com a leitura.

O cotidiano da sala de aula traz em si, significados muito fortes para a criança. Reservando-lhe espaço para que fale, o professor certamente observará como a criança expressa a sua vida, compreende o mundo que a cerca e como infere sobre a própria linguagem.

Pouco a pouco, a criança trabalha com a sua imaginação compreendendo o sentido das palavras e o seu emprego na escrita.

A leitura, facilmente encontra o seu sentido social, visto que a criança tem acesso a uma série de textos que circula na comunidade onde mora. Quando bem orientada na escola, ela reconhece facilmente a sua utilidade e sente a necessidade de ler e compreender o texto escrito. Leitura e escrita são faces de uma mesma moeda. Ao se trabalhar com leitura, está se trabalhando com a escrita, e vice-versa.

De acordo com FONTANA apud SMOLKA; GÓES (1994):

A criança, desde seus primeiros momentos de vida, está imersa em um sistema de significações sociais. Os adultos procuram ativamente incorporá-la à reserva de ações e significados produzidos e acumulados historicamente. (FONTANA apud SMOLKA; GÓES, 1994, p.122).

A socialização da leitura na vida da criança acontece gradativamente, à medida de seu contato com o texto escrito e com o desenvolvimento de suas potencialidades. O desenvolvimento da linguagem se processa no contato com o adulto, que auxilia na ampliação de sua verbalização. No diálogo com o adulto a criança aprende novos significados, elabora novas expressões e organiza a sua própria fala de maneira mais seletiva. Assim, ao dialogar com a criança, o adulto deve ter a consciência de que a está auxiliando na ampliação do seu

vocabulário. Por isso, novas palavras apreendidas significam novos conhecimentos e melhor expressão de sua linguagem.

Como acrescenta FONTANA apud SMOLKA; GOES (1994)

A mediação do adulto desperta na mente da criança um sistema de processos complexos de compreensão ativa e responsiva, sujeitos às experiências e habilidades que ela já domina. No curso da utilização e internalização dessas palavras e das funções a elas ligadas, a criança aprende a aplicá-las consciente e deliberadamente, direcionando o próprio pensamento.(FONTANA apud SMOLKA; GOES, 1994, p.123).

No contato com o adulto a criança abre-se a novas possibilidades e alternativas de comunicação de forma a selecionar aquilo que irá falar. É preciso que o adulto tome consciência de seu papel no desenvolvimento da linguagem.

O aumento de vocabulário na comunicação da criança depende muito do mundo que a circunda, sendo favorável a uma maior compreensão das palavras. Ao iniciar sua linguagem, a criança emprega a mesma palavra para vários significados. Pouco a pouco ela descobre as infundáveis opções que a língua lhe permite.

Nas interações cotidianas, criança e adulto vão se compreendendo, se comunicando, se expressando. O crescimento lingüístico da criança é notório, quando pronuncia as palavras ao seu modo e depois passa a pronunciá-las corretamente.

Por isso dizer que no dia-a-dia, a mediação do adulto acontece espontaneamente no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações mediatas.

De acordo com COELHO (1991), a criança na denominada primeira infância, que vai dos 15/17 meses aos 3 anos vive a fase do reconhecimento da realidade que o rodeia, principalmente através dos contatos afetivos e do tato. Assim sendo, algumas atividades são importantes para ajudá-la nesse reconhecimento, tais como: incluir entre seus brinquedos, gravuras de animais ou objetos familiares à criança (bicho de pelúcia ou qualquer material macio, fofo; chocalhos musicais, etc.). Essas gravuras podem ser em folhas soltas ou em álbuns, feitos de material resistente e agradável ao tato, como pano, plástico, papel grosso, e devem ser manipuladas pelo adulto criando situações simples que as relacionem afetivamente com a criança.

Na segunda infância, a partir dos 2 ou 3 anos, é a fase egocêntrica e dos interesses ludo-práticos, como também da comunicação verbal. Nesta fase pode-se despertar o gosto da criança pelo livro, aprofundando-se a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem através de atividades lúdicas. Os livros utilizados nesta fase devem apresentar, conforme COELHO (1991, p.29): predomínio absoluto da imagem (gravuras ilustrações desenhos, etc); as imagens devem sugerir uma situação significativa para a criança; desenhos ou pinturas, coloridos ou em preto-e-branco, em traços ou linhas nítidas; graça e humor, um certo clima de expectativa ou mistério; a técnica da repetição ou reiteração de elementos é importante para manter a atenção e o interesse do leitor.

A fase do leitor iniciante, a partir dos 6/7 anos, é onde se começa a aprendizagem da leitura. De acordo com COELHO (1991), é o início do processo de socialização e de racionalização da realidade, e onde o adulto entra como agente estimulador, ajudando a criança a *decodificar os sinais gráficos e a descobrir que pode, sozinha, comunicar-se com o mundo da escrita.* (COELHO, 1991, p.30). Os livros dessa fase devem apresentar: predomínio de imagem sobre o texto; a narrativa deve desenvolver uma situação simples, linear, e que tenha princípio, meio e fim; humor, graça; as personagens podem ser reais ou simbólicas; o texto deve ser estruturado com palavras de sílabas simples; os argumentos devem estimular a imaginação, a inteligência a afetividade, as emoções, o pensar, o quer, o sentir.

A partir dos 8/9 anos, a criança entra na fase do leitor em processo, ou seja, já domina com facilidade o mecanismo da leitura. A presença do adulto também é importante para motivar o estímulo à leitura, amenizando as possíveis dificuldades e provando atividades de pós-leitura. Os livros desta fase devem conter: presença de imagens em diálogo com o texto; textos escritos em frases simples; a narrativa deve girar em torno de uma situação central, um problema, um conflito; a efabulação deve obedecer ao esquema linear: princípio, meio e fim; humor e graça. (COELHO, 1991, p.32).

Na fase do leitor fluente, a partir do 10/11 anos, consolida-se o domínio da leitura e da compreensão do mundo expresso no livro. A presença do adulto já não é mais necessária como estimulador, mas sim como desafiador, como aquele que acredita na capacidade da criança. A literatura desta fase deve apresentar: personagens mais atraentes; linguagem mais elaborada; as imagens já não são indispensáveis, pois o texto começa a ter valor por si; os gêneros narrativos que mais interessam são: os contos, as crônicas ou novelas, de cunho aventuresco ou sentimental. (COELHO, 1991).

A partir dos 12/13 anos, verifica-se a fase do leitor crítico. Nela há o total domínio da leitura, da escrita, maior capacidade de reflexão. É a fase do pensamento reflexivo e crítico. O convívio com o texto literário deve ultrapassar o prazer ou emoção, provocando-o a penetrar no mecanismo da leitura. (COELHO, 1991).

É preciso reconhecer que a escolarização é que possibilita o desenvolvimento da linguagem na criança de forma sistemática. VYGOTSKY (1994) considera que o aprendizado escolar desempenha um papel importante e decisivo na formação e desenvolvimento de funções psicológicas básicas para a sua elaboração de conceitos, como também a tomada de consciência pela criança de seus processos mentais (conceituação, seleção e aprendizagem de novas palavras).

Na escola, as atividades com leitura devem facilitar a aprendizagem de novos termos, vencendo as dificuldades existentes e se projetando para melhorar a sua comunicação. Dentre as milhares de atividades existentes, algumas foram selecionadas e, a seguir, foram elencadas para auxílio quando se tratar de atividades envolvendo leitura.(SEDUC, 1992, p.20):

- atividades que possibilitem a distinção entre escrita e imagem (letras de desenhos e letras de números);
- invenção de uma história partindo de uma gravura apresentada pelo professor;
- desenho de ingredientes de uma receita de merenda escolar, escrita e leitura dos respectivos nomes;
- experiências com materiais diversos de leitura: jornal, revista, lista, quadrinhos, adesivos, propaganda, livro de histórias e rótulos;
- reconhecimento de palavras em rótulos, embalagens, jornais e revistas, predizendo ou lendo o que está escrito;
- leitura de histórias, através de suas ilustrações; identificação do nome próprio, dos objetos existentes na sala de aula e nas diferentes áreas da escola;
- reconhecimento do crachá que possui o seu nome e prendê-lo na roupa e distribuição de todos os crachás, procurando identificar os nomes dos colegas;
- atividades com a leitura do nome do colega registrando, na lousa, pelo professor ou colegas.
- jogo de bingo de nomes e de dominó (a ordem de articulação é a primeira e a última letra de cada nome);
- o desenho do auto-retrato acompanhado do registro do nome da criança;

- atividades com jogos de nomes. As crianças recebem duas folhas iguais, com os nomes de todas elas dispostos em duas colunas. Elas recortam todos os nomes e colam cada um sobre o nome correspondente na outra folha;
- atividades com associação entre formas faladas e formas escritas (relação letra-som);
- levantamento dos nomes dos colegas ou palavras que iniciam com o mesmo som;
- descoberta da letra que está faltando em nomes dos colegas, em nomes de frutas e objetos. (Ex.: F__TIMA, FRAN__SCO, LA__ANJA, C__DEIRA, GO__ABA);
- identificação de palavras com rimas onde o professor diz, por exemplo, CANÇÃO, e as crianças respondem: ESTAÇÃO, CRIAÇÃO;
- reconhecimento entre as palavras que começam com letra diferente. Ex.: CASA, CADA, PARA, CARA, CAPA; formação de pares de palavras que começam ou terminam com o mesmo som;
- seleção de grupos sonoros parecidos, através da leitura de uma poesia realizada pelo professor ou da interpretação de uma canção pelas crianças;
- identificação dos diferentes propósitos de diversos suportes de textos (jornal, revista, livro de história, receita culinária, anúncio, bula, bilhete, carta, receita médica, telegrama, rótulo): a quem se destina, para que se escreve, para que se lê, como se lê, o que tem escrito, quando se usa;
- comparação entre dois formatos de textos, explicitando suas semelhanças e diferenças;
- levantamento de palavras com uma, duas, três ou mais sílabas;
- recorte em jornal ou revista de palavras que reconhece, com uma, duas, três ou mais sílabas, colá-las no caderno e lê-las para os colegas e professor;
- recorte de palavras, de acordo com o número de sílabas, montá-las, percebendo a palavra e colocá-las (jogos de quebra-cabeça, que podem ser realizados em grupos);
- agrupamento de palavras por número de sílabas;
- leitura de pequenos textos produzidos individual e coletivamente;
- leitura de cantigas de roda, rimas infantis, adivinhações, trava-línguas.
- leitura de poesias produzidas individual e coletivamente;
- leitura de histórias partindo de figuras em quadrinhos seqüenciados;
- leitura, em coro, de poesias de diversos autores. (Ex.: Cecília Meireles, Ruth Rocha);
- narração de histórias lidas, para colegas e professor;
- leitura de histórias, com liberdade de escolher os livros de sua preferência, pelo menos, uma vez por semana.

A contação de história, como atividade de leitura, permite, não somente ao professor, mas também ao aluno, uma expansão de sua compreensão sobre o que as palavras podem fazer para o leitor.

Essas atividades de leitura tendem a suprir a carência do professor em sua criatividade leitora, proporcionando ao aluno, a capacidade inferir sobre o texto, ampliar sua capacidade de conhecer o mundo e seu vocabulário. Essas competências tão incentivadas pelo professor encontram na história narrada, meios importantes para realização. Cada história contada, consegue fazer com que a criança viaje, encontre novos horizontes de observação, imaginação, compreensão e aceitação do mundo em que vive.

3. A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES

3.1 O Uso da Literatura Infantil em Sala de Aula

O convívio com os livros de leitura, com diferentes textos, possibilitará ao leitor identificar as múltiplas visões que cada criação literária sugere ao mesmo tempo em que permite diversas interpretações que decorrem da “leitura de mundo” de cada um.

Os livros de literatura, no entanto, devem ser utilizados, não como livros didáticos, pois neste caso, perderiam sua literariedade, mas como auxílio na formação do leitor que se inicia no contato com o livro e que se deixa encantar com as narrativas. De acordo com LAJOLO (1993, p.78): *o texto não pode ser pretexto para ensinar, para ser intermediário da aprendizagem, para ser dissecado em sua forma sintática ou ortográfica. A contação de histórias representa uma ponte entre o texto que é lido e o ouvinte, intermedia a interação entre autor-contador-leitor. Suscita o imaginário infantil, desperta a curiosidade em relação aos personagens e coloca a criança em contato com o maniqueísmo que rege as relações do mundo. Através da história surge a possibilidade da criança descobrir os conflitos e os impasses do dia-a-dia, assim como abre janelas para que elas sintam as emoções que circundam o ser humano, descortinam caminhos que levam a conhecer outros lugares, outras épocas, outros comportamentos. Como afirma ABRAMOVICH (1999, p. 17) *é ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...Porque se tiver deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento.**

A função dos textos literários é outra: trabalhando com a imagem simbólica do mundo que se dá a conhecer, eles nunca se dão a conhecer de maneira completa, fechada. Eles exigem a intervenção do leitor e permitem que a criatividade siga as asas da imaginação.

Ainda que a criança atue informalmente com a linguagem escrita, é importante que ela saiba que o que ouviu está impresso num livro e que pode ser lido quantas vezes ela desejar. Essa atitude a prepara para aceitar e conhecer o acervo literário disponível, assim como desperta o interesse pela leitura. Dessa forma, a própria criança desenvolve espontaneamente a noção do que significa Literatura Infantil. O contato com a criatividade do

escritor também possibilita à criança aguçar a sua imaginação e criatividade. Logo, logo, a criança estará também criando suas histórias.

São vários os conceitos que se tem de Literatura Infantil, dentre eles, como o referido por CUNHA, de que "(...) Literatura Infantil são os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança". (apud ALVES, 2003).

ABRAMOVICH (1997, p. 16) ressalta "*(...) Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...*". Podemos, assim, começar a compreender a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ser leitor é o meio para conhecer os diferentes tipos de textos, de vocabulários. É uma forma de ampliar o universo lingüístico. Para o "contador" de histórias, cabe o prazer de interagir com a leitura ao mesmo tempo em que oportuniza este prazer para os seus ouvintes, como reafirma AROEIRA (1996, p. 141) *(...) Contar histórias é uma experiência de grande significado para quem conta e para quem ouve.*

Ao observarmos a origem dos chamados "clássicos" da Literatura Infantil, os Contos de Fada, veremos que eles surgiram de histórias da tradição oral. São histórias contadas e recontadas oralmente que fazem parte da cultura e que são depois registradas na forma escrita. (ALVES, 2003).

Neste sentido, a ação pedagógica torna-se fundamental à medida que o professor permite que todos os textos que circulam no mundo façam parte do espaço escolar, criando um ambiente leitorizador em sua sala de aula, colocando-se enquanto mediador entre esses textos e seus alunos, favorecendo oportunidades ricas e variadas de interação com a leitura e com a escrita. Contar histórias caracteriza-se como uma leitura textual, uma expressão lingüística, uma compreensão dos fatos presentes numa redação.

Os livros de Literatura Infantil, reportagens de jornais e revistas, cartazes, rótulos, músicas, poesias, enfim, diversos textos em diferentes modalidades discursivas vão constituir esse ambiente leitorizador.

Para PINTO (1999),

A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele a leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança: na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual. (apud RUFINO e GOMES, 1999, p. 11).

FERREIRO (1985, p.34), em suas pesquisas, conclui que: *a informação obtida através da participação da criança em atos sociais dos quais fazem parte o ler e o escrever, é a mais rica no que diz respeito à indagação sobre a função social da escrita.*

A autora, a respeito de sua conclusão, exemplifica:

Consulta-se o jornal para saber a hora e o lugar de determinado espetáculo (indiretamente informa-se a criança que através da leitura obtêm-se a informação de que não se dispunha previamente); consulta-se o catálogo telefônico (ou agenda pessoal) para contatar um desconhecido (indiretamente informa-se a criança que através da leitura pode-se recuperar a informação esquecida) (FERREIRO, 1990, p. 52).

Para que uma criança se alfabetize significativamente é preciso que, desde pequena, esteja em contato íntimo com diferentes tipos de textos, interagindo com toda a complexidade do código escrito, enquanto modalidade de linguagem.

É importante que a criança seja leitora e escritora, acompanhando todo o enredo, a fantasia, os encadeamentos lógicos, a poesia, a música que animam os diferentes tipos de textos. Tudo isso é possível no incentivo que o professor faz ao contar uma história para sua platéia infantil. Na história contada, expressam-se sentimentos, posturas, visões, orientações, enfim, uma série de condições que constroem até mesmo a convivência escolar.

Nas turmas de Educação Infantil, as crianças ainda não estão propriamente alfabetizadas, o professor precisa oferecer formas variadas de leitura prazerosa, lendo textos de boa qualidade e que despertem o interesse das crianças, escrevendo histórias que podem ser produzidas individualmente ou no coletivo da turma; possibilitando, desta forma, que as crianças utilizem diferentes linguagens para construir seus textos, ou seja, permitindo que elas

se comuniquem através de gestos, movimentos, palavras, desenhos, brincadeiras, colagens, dramatizações, etc. A criatividade de quem está próximo da criança é imprescindível para que ela aprenda novas formas de se comunicar.

Conforme DEHEINZELIN (1990, p. 51): *uma vez em constante interação com este objeto sócio-cultural, a criança irá gradativamente, construindo hipóteses a respeito da língua portuguesa e suas próprias hipóteses conceituais.*

3.2 O Professor e a Literatura Infantil

A atividade escolar envolve, além da exposição dos conteúdos escolares, a predisposição do professor em ministrar os conhecimentos, a sensibilidade pedagógica e uma metodologia dinâmica e envolvente para que possa despertar no educando, a vontade de aprender os conteúdos dados na sala de aula. É importante ressaltar que o professor deve conhecer o perfil de seu aluno, suas características mais importantes, de forma a garantir sucesso na prática educativa.

O professor que trabalha com crianças deve ter uma noção ampla e profunda de linguagem aliada aos aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Deve ainda ter um domínio satisfatório da Língua Portuguesa e conhecimento amplo da Literatura Infantil para que possa realmente desenvolver um trabalho sério que venha a despertar nos alunos a prática da leitura.

Nas suas atividades deve incluir contínuas visitas à biblioteca ou sala de leitura com os alunos para que a cultura da pesquisa e da leitura se desenvolva. Promover rodas de conversa para discutir em conjunto a história de um livro lido. Assim, estará favorecendo momentos de valorização da leitura e da expressão oral. Deve ainda, promover momentos em que os alunos possam recontar uma história lida através de colagens, pintura, representação teatral e musicalização, pois por meio das artes o contato com a literatura se torna mais fácil, interessante e envolvente.

É preciso reconhecer que o aluno deve ser motivado, mas essa motivação não se resume tão somente na questão conteudista, deve também estar voltada para a compreensão dos temas estudados na escola e que representam a própria significação da vida escolar.

O aluno deve ser sensibilizado pelas questões trabalhadas em sala de aula, comentadas de forma a fazer com que ele perceba sua permanência na escola, suas lutas sociais, sua predisposição para transformar a sociedade em que vive.

Assim, a incorporação da experiência sócio-cultural dos alunos no processo de construção do conhecimento através da literatura será mais significativa a partir de uma nova direção da prática pedagógica que se oriente pela concepção global e interdisciplinar de currículo, a qual percebe o homem em toda sua plenitude, necessitando, portanto, desenvolvê-lo nas dimensões cognitiva, afetiva, psicomotora e social.

Na medida em que a escola cumpre sua função social, ela resgata sua identidade de instituição educadora e, certamente, a sociedade a destacará como instituição de relevância social, tanto pelo trabalho prestado com qualidade, como pelo atendimento às necessidades das demandas sociais, dada a competência do seu quadro docente.

Segundo FRANCHI (1995, p.22):

A alfabetização não é, pois, um processo mecânico de mera correlação entre dois sistemas de representação; de fato, é preciso sempre considerá-la nesse quadro em que a linguagem se concebe em seu caráter social e constitutivo dos sistemas de representação das relações da criança consigo mesma, com os outros e com o mundo.

Dentro da postura alfabetizadora, é preciso mudar a imagem do aluno ideal, na qual a obediência, a passividade e o conformismo ocupam lugar central, para nela incluir o compromisso, a dedicação, o entusiasmo, a iniciativa, a persistência, a capacidade de aprender com os próprios erros e a curiosidade, como traços que contribuem de forma significativa para a ocorrência da aprendizagem. O mundo atual exige o domínio do conhecimento, mas também o exercício da capacidade de pensar, imaginar e criar.

O que fazer para desenvolver na criança o gosto pela compreensão dos fatos, com criatividade e simpatia? O professor, consciente do seu papel no ato de tornar a criança um narrador importante, pode empenhar-se em contar histórias em sala de aula; histórias que agucem a atenção infantil, desperte o interesse pelo mundo que a cerca, que a faça compreender o seu papel na história. Enfim, que busque, nesta atividade, subsídios para compreensão da própria existência de cada aluno.

É importante compreender que contar histórias sempre acontece numa relação dialógica. É possível para o professor, como para a criança, trocas de experiências a partir de temas desenvolvidos no próprio enredo que se apresenta na história infantil. Desta maneira, contar histórias, além de fornecer dados à criança, proporciona ampliação do vocabulário, conceitos e socialização.

O trabalho docente somente é frutífero quando o ensino dos conhecimentos e dos métodos de adquirir conhecimentos se converte em conhecimentos, habilidades, capacidades e atitudes do aluno. O objetivo da escola e do professor é formar pessoas inteligentes, aptas para desenvolver o máximo possível suas capacidades mentais, sejam nas tarefas escolares seja na vida através do estudo das matérias de ensino.

O professor deve dar-se por satisfeito somente quando os alunos compreendem solidamente os conteúdos, são capazes de pensar de forma independente e criativa sobre ela e aplicar o que foi assimilado. No entanto, isto não deve ser o pano de fundo do processo ensino-aprendizagem. Deve repousar no fato de que a aprendizagem acontece como um processo ascendente em que as atividades proporcionem um dinamismo na sala de aula. A história, contada em sala de aula, propicia a todos os participantes uma interação literária, em que podem contribuir, cada um a seu modo, na construção e seguimento da própria história.

O trabalho de planejar as aulas, traçar objetivos, explicar os conteúdos, escolher métodos e procedimentos didáticos, dar tarefas e exercícios, controlar e avaliar o progresso dos alunos destina-se, acima de tudo, a fazer progredir as capacidades intelectuais dos educandos. Para enfrentar essa tarefa o professor se defronta com algumas dificuldades. Se ele não domina o conteúdo da disciplina que ensina, não saberá conversar com os alunos sobre os conhecimentos e experiências que trazem para a sala de aula, terá dificuldade para ligar o conteúdo da sala de aula com a realidade do cotidiano da vida, não saberá relacionar entre si os assuntos das unidades do programa.

A docência acontece em meio a dificuldades e desafios como característica da própria profissão, o que não torna um profissional diferente do outro. Todos os professores encontram os mesmos desafios e enfrentam as mesmas dificuldades.

Uma das mais importantes tarefas do professor é despertar o prazer pela leitura, colocar o aluno em contato com diferentes linguagens, criar espaços para a formação do

leitor. A atividade com contação de histórias é um rico instrumento para incentivar o aluno a múltiplas linguagens, pela expressão dos personagens, das situações e da sonoridade existente nas fases da história.

FRANCHI (1995) explica:

O trabalho do professor, então, não é o de contrariar as hipóteses iniciais insuficientes, mas oferecer, gradualmente, o material de fato necessário e as condições de trabalho satisfatórias para a construção, pelas próprias crianças, dessas hipóteses sucessivas. (FRANCHI, 1995, p. 23).

Formar leitor é formar o sujeito capaz de ler o mundo, de entender o mundo, de criticar, de interferir e construir o mundo. Quando se forma o leitor, forma-se o co-autor do texto. Contar histórias é sempre criar histórias. Nesse sentido, desenvolve sempre o senso de autoria de algum fato. A contação de histórias possibilita ao professor compreender as dificuldades do aluno com relação à escrita, à expressão, ao uso adequado das palavras, à utilização dos conceitos trabalhados em sala de aula.

O docente que conhece as dificuldades e desafios de sua profissão, recorre a esta atividade para enfrentar também as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Dificuldades de ordem ortográfica, semântica e sintática são vencidas através de atividades freqüentes de contação de histórias. São recursos que o professor deve ter à mão no momento de mensurar a capacidade de apreensão do aluno. Contar histórias, como já foi dito, é tecer uma leitura sobre um texto. É sempre proporcionar meios de releitura sobre um fato.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil sugerem que,

(...) os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc. propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor. (RCNEI, 1998, vol.3, p. 117).

O leitor crítico participa do processo de leitura. Ler não é apenas decifrar sinais, mas sim ter capacidade de dar sentido a eles, de compreendê-los. Promover efetivos encontros com a leitura é estabelecer uma relação de desejo. O prazer de ler, criar, imaginar nunca pode ser substituído pelo dever de ler.

3.3 Contos, Parlendas e Histórias: Modos Diversos e Dinâmicos de Trabalhar a Literatura Infantil

A necessidade de um incentivo para uma visão mais crítica sobre o ato de ler por parte dos envolvidos com a educação dos jovens implica numa boa formação de leitores, já que ler trata-se de uma tomada de consciência na qual o indivíduo compreende e interpreta o mundo ao seu redor.

Sobre esse assunto nos explica FREIRE (1992, p. 08) quando diz:

A leitura da palavra é sempre precedida de leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender os eu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

O autor reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas negando de vez a pretensa neutralidade da educação.

A educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de liberdade e de construção da história. Professor e aluno, todos devem ser sujeitos, solidários nesta tarefa conjunta, único caminho para a construção de uma sociedade na qual não existirão mais exploradores e explorados, dominantes doando sua palavra opressora e dominados.

O processo educativo é algo que se predispõe ao conhecimento do mundo e isso demonstra que o ensino da leitura e da escrita deve favorecer a criança a libertação de sua ignorância enquanto não participante desse mundo envolvente.

Observa-se pela prática em sala de aula que a metodologia de ensino da leitura, de extrema importância, vem sendo deturpada e ensinada de forma insatisfatória e mecanicista.

O aluno, separando o ato de ler do ato de entender o que está lendo, desfigura a leitura, reduzindo-a a um processo de reconhecimento e decodificação de sinais gráficos. Esse tipo de leitura não tem caráter reflexivo e não está facilitando o posicionamento do leitor frente à sua realidade. Deve-se, portanto, incentivar o aluno à leitura e uma leitura crítica em que a sua interpretação se torna importante.

FREIRE (1992, p. 11) esclarece que essa modalidade de leitura se denomina da seguinte maneira:

Processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

O autor frisa a importância de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura dessa, não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. É necessário compreender que a linguagem e a realidade se complementam de maneira dinâmica e, nesse sentido, a sua relação ocorre de forma dinâmica.

Por isso, deve-se dizer que a leitura não é a fala da escrita, mas um processo próprio que pressupõe um amadurecimento de habilidades lingüísticas em parte diferentes das que ocorrem na produção da fala espontânea.

Na história, a criança se projeta momentaneamente nos personagens e penetra no mundo da fantasia, vivenciando um contato mais estreito com seus sentimentos e elaborando seus conflitos e emoções. Desta maneira, ela cresce e se desenvolve. A história funciona como uma ponte entre o real e o imaginário. Como bem o explica AROEIRA, (1996, p. 141), (...) *Por meio da história, a criança observa diferentes pontos de vista, vários discursos e registros da língua. Amplia sua percepção de tempo, espaço e o seu vocabulário. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico, pois a partir da leitura, (...) Ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...* (ABRAMOVICH, 1997, p. 143). Assim sendo, CAGNETI (1995, p.23.) afirma que "(...) A Literatura Infantil é fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo". Para tanto, SAWULSKI, (2002, p. 51), observa que,

(...) Faz-se necessário que o professor introduza na sua prática pedagógica a literatura de cunho formativo, que contribui para o crescimento e a identificação pessoal da criança, propiciando

ao aluno a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia e a criticidade, que são elementos necessários na formação da criança em nossa sociedade atual.

A Literatura Infantil, nas escolas, deve despertar o gosto pela leitura, pois (...) a literatura pode proporcionar fruição, alegria e encanto quando trabalhada de forma significativa pelo aluno. Além disso, ela pode desenvolver a imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento através de uma aprendizagem prazerosa. (SAWULSKI, 2002, p. 58).

(...) Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão. (RCNEI, 1998, p. 144).

Contos, lendas ou outros tipos de narrativas e sobretudo rimas, são textos que têm como objetivo principal divertir todas as faixas etárias mas essencialmente crianças. Produzem ou excitam emoções, relaxam, libertam, maravilham e produzem o incomparável prazer da fruição do texto fictício, alimentando todas as fantasias. Acompanham o ritmo e a cadência de outras atividades, aligeiram o trabalho quando executadas paralelamente a fainas agrícolas ou domésticas e estruturam o jogo, nomeadamente o jogo infantil.

O conto tradicional possui uma estrutura rígida; pode essa estrutura tornar-se mais flexível através da poesia? A poesia atualiza o conto, tornando-o em certa medida um anticonto pois ao tempo mítico substitui-se um tempo vivido, fluido, imprevisível e este é o primeiro passo que o poeta dá na conquista da realidade.

A poesia para crianças tem que forçosamente ser linguagem ritmada, exigir a participação do ouvido para se tornar mais acessível a uma camada populacional de reduzido nível etário que uma literatura destinada apenas a ser lida. A prova evidente de tudo o que fica dito é o sucesso incontestável que mantêm ainda hoje as fábulas de La Fontaine.

CONCLUSÃO

Diante dos conteúdos desenvolvidos no trabalho, torna-se necessário evidenciar alguns pontos conclusivos. A escola é o local apropriado à alfabetização por excelência, onde as atividades desenvolvidas propiciam à criança os contatos sistemáticos iniciais. No entanto, esses contatos podem conduzir à criança ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades, como também inibir toda a sua trajetória escolar. Com atividades envolvendo contação de histórias, é possível iniciar a leitura infantil, principalmente quando cada história tiver um objetivo específico para a etapa leitora da criança.

É importante ter consciência sobre o conhecimento prévio do aluno antes de seu ingresso na sala de aula. Esses conteúdos devem ser aproveitados favorecendo o percurso educativo do aluno. Na história, contada pelo professor, na sala de aula, é possível, aproveitar todo o conhecimento prévio do aluno, para daí partir para a própria compreensão que ele tem sobre o ato de ler.

A aprendizagem se processa primeiramente num ambiente favorável, num relacionamento significativo entre professor e alunos e em meio a conteúdos importantes para a criança. Esses conteúdos devem ter uma relação com a vida social da criança, de maneira a motivá-la e a reconhecê-los necessários à sua vida. Observa-se que, a contação de história, é um momento privilegiado de aprendizagem. Aprendizagem que não acontece de maneira passiva, por se tratar de uma escuta da fala do professor, mas também de uma inferência da criança no momento da escuta da história.

O papel do professor é amplo e significativo. Sua postura não deve ser a de mero transmissor dos conteúdos, mas também de um profissional sensível às realidades individuais de cada aluno, no acompanhamento de suas dificuldades e no incentivo de suas potencialidades.

A escola, por sua vez, não deve se resumir a uma instituição preocupada com números de alunos, conceitos e notas e com erradicação da evasão e repetência. Deve preocupar-se em ser aquele lugar inesquecível, onde as bases escolares ficam impressas em toda a vida do aluno. Com efeito, as atividades escolares são importantes para que o aluno conheça novas possibilidades de leitura, novas chances de compreensão do texto e novas possibilidades de aprendizagem.

As dificuldades e os desafios de uma prática alfabetizadora sempre surgem e é preciso que o professor saiba vencê-las, principalmente porque é de grande importância sua prática para a escola e para os alunos que iniciam o processo de leitura e de escrita.

Verifica-se que para conseguir desenvolver a potencialidade como leitor, é preciso perceber uma distinção essencial entre duas “imagens” de leitura: a leitura como atividade mecânica, passiva, consumista e a leitura como atividade ativa, reflexiva, crítica. A primeira de estar lendo, quando na verdade o que se faz é apenas acumular dados, informações, que logo desaparecem da mente. A Segunda caracteriza-se pela qualidade, há não só uma apreensão do lido como também uma integração entre o lido e o vivido.

Se a leitura for apresentada de forma prazerosa e significativa, proporcionará o surgimento de um leitor proficiente, se por outro lado, for apresentada de forma mecânica, o ato de ler será para o aluno uma atividade desinteressante, monótona e cansativa.

Não interessam, portanto, as pseudo-leituras hoje realizadas na escola em que certas atividades se restringem à decodificação, isto é, a exercícios em que o aluno faz meras repetições de partes de um texto.

Compreende-se que a escola poderá articular e desenvolver atividades com a leitura, que leve o aluno a se inserir no mundo da linguagem, a se entusiasmar com a leitura e, ao mesmo tempo, constituir-se um leitor crítico, que se posicione diante dos fatos e que use essa criatividade na vida cotidiana.

A leitura é um dos instrumentos mais poderosos de que se dispõe para ter acesso e apropriar-se da informação, como também é instrumento para o ócio e para a diversão, uma ferramenta lúdica que permite ao leitor explorar mundos diferentes dos seus, reais ou imaginários, que os aproxima de outras pessoas e de suas idéias.

Acredita-se que para recuperar o prazer da leitura é preciso antes de mais nada, não tornar a leitura uma obrigação, mas um prazer inigualável. Isso só é possível com um trabalho muito bem planejado. É necessário também que o professor goste de ler e sinta prazer na leitura. Do contrário, torna-se difícil ensinar a ler e a gostar de ler. Observa-se que o professor tem consciência desta necessidade, porém nem sempre se acha responsável pela falta de leitura na sua vida e na prática docente.

É indispensável, portanto, que os educadores e os bibliotecários repensem e redimensionem a sua atuação profissional. É preciso que o aluno tenha acesso a todo tipo de leitura e reconheça os diferentes objetivos de cada uma, que a escola ofereça esses recursos com bastante dinamismo.

Sem dúvida, quem lê, tem mais chance de ser melhor profissional, de discernir mais facilmente fatos do cotidiano e não se deixar levar por uma única visão dos conhecimentos.

Desta forma, cabe ao professor, rever a literatura utilizada na sua escola, afastando da sua prática a literatura de cunho pedagógico, pois ela tem a finalidade de ensinar mediante normas contidas em suas histórias, tendo sempre um final moralizante. Essas histórias fazem o aluno perceber que devemos trabalhar, ficar contentes com o que possuímos, ajudar, ser bonzinhos..., contribuindo para formar crianças passivas, seguidoras de modelos e de normas, uma formação inadequada para nossa época. Então, se faz necessário, que o professor introduza na sua prática pedagógica a literatura de cunho formativo, que contribui para o crescimento e a identificação pessoal da criança, propiciando ao aluno, a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia, a criticidade, que são elementos necessários na formação da criança de nossa sociedade atual. É necessário que o professor faça a seleção de livros de literatura que tenham boa estética, texto apropriado, uma ilustração motivadora, etc. É através da Literatura Infantil que se pode favorecer à criança “o acesso ao conhecimento do mundo e do ser” por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. Mas, não basta colocar a criança em contato com o livro, na escola, para se conseguir formar um leitor. É preciso atentar para alguns detalhes extremamente importantes

Sabe-se que a leitura é um processo de contínuo aprendizado. Alguém acostumado a ler busca respostas para suas dúvidas e atualiza-se sempre que necessário. E hoje vivemos numa época, que valoriza-se o conhecimento e o talento técnico, em detrimento ao raciocínio. A leitura ajuda a formar seres pensantes, preparados para a vida. Ela desenvolve a reflexão e o espírito crítico. É fonte inesgotável de assuntos para melhor compreender a si e ao mundo.

Percebe-se que a literatura também é lazer, quando feita com fruição. Um bom livro é capaz de nos levar a outros mundos, de dar vida aos nossos sonhos, de nos fazer

chorar. Mas, muitas vezes na escola, o aluno ao invés de criar o hábito de ler, passa a achar a leitura a coisa mais chata do mundo. Quando o professor utiliza o livro de literatura, na escola, com o intuito de ensinar teorias, fazer análise sintática, atendendo a estruturalismos de forma imposta, com certeza a leitura será frustrante para o aluno.

Quando o aluno inicia o seu processo de intervenção diante daquilo que lê, ele está desenvolvendo o seu conceito de bom e mau dentro do texto literário, detectando as falhas daquele que escreve e por isso, se capacita a opinar diante dos temas que se propõe a ler.

Noutro momento, o leitor reage, problematiza, aprecia com criticidade. É a fase da constatação, em que o leitor decomporá, pelo processo de análise, o texto em elementos que o constituem, para tentar depois, estabelecer relações entre as distintas partes que o integram. Após essa fase, inicia-se a atividade de cotejo na qual o leitor compreende e interpreta as idéias do texto e posiciona-se frente a elas. A interpretação dirige-se, de modo prioritário, à descoberta de sentidos coerentes e não de todos os sentidos.

Enfim, a contação de história, recurso utilizado pelo professor criativo e preocupado com o desenvolvimento da leitura da criança, permite uma expansão do aluno na compreensão do mundo, dos fatos e até mesmo de sua própria individualidade. É na história que a criança está inserida, é nela que ela se auto-constrói e por isso, constrói o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALVES, V. **O conceito de Literatura Infantil**: o leitor: concepção de infância; O caráter literário na Literatura Infantil. São Paulo: Abril, 2003.
- AROEIRA, M. ; SOARES, M.; MENDES, R. **Didática de pré-escola**: vida e criança:brincar e aprender. São Paulo: FTD, 1996.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASÍL. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental**. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI, L. C. **Leitura e alfabetização**. Cadernos de estudos lingüísticos. Campinas, Unicamp/IEL, 1997.
- _____ **Alfabetização e lingüística**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1992.
- CAGNETI, S. **Livro que te quero Livro**. Rio de Janeiro: Nódica, 1995.
- CALIXTO, José Antônio. Biblioteca pública versus biblioteca escolar: uma proposta de mudança. **Cadernos BAD**, Lisboa, n. 3, p.57-67, 1994.
- CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado. **Proposta curricular da Língua Portuguesa. 1º grau. 1ª a 8ª série**. Fortaleza, IOCE, 1992.
- COELHO, N. **Literatura**: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- COELHO, N. A história da história. In: RIBEIRO, R. **O patinho feio**. São Paulo: Editora Moderna, 1994.
- DEHEINZELIN. M **A fome com a vontade de comer**: uma proposta curricular de educação infantil. Petrópolis, Ed. Vozes, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura).
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. Tradução Horácio Gonzáles. São Paulo: Cortez, 1990.
- FONTANA, David. **Psicologia para professores**. São Paulo: Manole, 1994.
- FRANCHI, Eglê. **Pedagogia da oralidade**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREITAS, Maria Terezinha N. et al. **Educação pela leitura**: uma experiência. Perspectiva: Florianópolis, v.3, n. 7, p. 26-40, jun./dez. 1986.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: **Leitura em crise na escola**. As alternativas do professor. Regina Zilberman (org.). porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MAYRINK, Paulo Tarcísio. **Diretrizes para a formação de coleções de bibliotecas escolares**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do estado da Bahia, 1991. 2 v., v. 1, p. 304-314.

PALÁCIO, Margarita. **Os filhos do analfabetismo**. São Paulo: Artes Médicas, 1990.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Elementos da pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; GOES, L. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

RUFINO, C.; GOMES, W. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola**. São José dos Campos: Univap, 1999.

SAWULSKI, V. **Fruição e / ou aprendizagem através da Literatura Infantil na escola** São Paulo: FTD,2002.

SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma biblioteca: comércio & industria da leitura na escola. **Revista Literária Blau**, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 20-24, mar. 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5.ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992 (Coleção Educação Contemporânea).

SILVEIRA, R. Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida. In: **Cultura, mídia e educação: Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul: v.22, n.2, jul/dez 1996.

VIANA, Maria Cecília Monteiro, ALMEIDA, Maria Olívia de. **Pesquisa escolar: uso do livro e da biblioteca**. São Paulo : [s. n.], 1993.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática (Série Fundamentos)1988.